

# MÚLTIPLAS ESCOLHAS NA LITERATURA: NARRATIVA ENVIESADA EM ALEJANDRO ZAMBRA

Raianny de Andrade Amaral (Mestranda em Ciência da Literatura, UFRJ)

## RESUMO

Propomos nesse estudo entender como a literatura do escritor chileno Alejandro Zambra, especificamente *Múltipla Escolha* (2017), está inserido nos debates sobre arte contemporânea. Iniciaremos pela discussão da noção de arte contemporânea a partir das indagações do filósofo e crítico de arte Boris Groys em seu ensaio “Comrades of time” (2009). Para o crítico o contemporâneo não significa necessariamente ser presente, estar aqui e agora, mas sim estar “com” o tempo em vez de estar “no” tempo. Portanto, a principal pergunta de Groys é: como tal contemporaneidade pode ser demonstrada na arte? Pretendemos estender essa problemática para a literatura de Zambra e nos perguntar: como essa contemporaneidade é demonstrada em *Múltipla Escolha* (2017)? Em segundo seguiremos com a proposta de análise de tal contemporaneidade no escritor chileno a partir da noção de narrativas enviesadas de Katia Canton (2009). Para ela essas se caracterizam como textos em construções fluídas, que sabotam, subvertem, quebram a possibilidade de um sentido narrativo único. Propomos, assim, baseado em Canton (2009), uma forma de análise de *Múltipla Escolha* (2017) em que o seu sentido não está pronto, mas sim configurado na construção das múltiplas relações entre a obra e o seu leitor.

**Palavras-chave:** arte contemporânea, Alejandro Zambra, narrativa enviesada.

## ABSTRACT

This article aims to study in which ways the literature of the Chilean writer Alejandro Zambra, specifically *Múltipla Escolha* (2017), could be part of the debates about contemporary art. We will start discussing about the notion “contemporary art” based on the theory of Boris Groys (2009) elaborated in his essay “Comrades of time”. Groys argues that the contemporary doesn’t necessarily mean to be present, to be here-and-now, it means to be “with time” rather than “in time”. Therefore, Groys’ main question is: how this contemporaneity can be seen on art? We intend to extend this question to Zambra and ask: how this contemporaneity can be seen on *Múltipla Escolha* (2017)? After that, we intend to analyze this contemporaneity on Zambra focusing on the notion the *narrativas enviesadas* of Katia Canton (2009). This narratives are characterized as texts constructed in a fluid manner subverting the possibility of a single narrative sense. Based on this theory, we propose an analyzes of *Múltipla Escolha* (2017) in which the meaning is not pre-established but configured in the multiples relations between the narrative and its reader.

**Keywords:** contemporary art, Alejandro Zambra, narrativa enviesada.

## 1 – INTRODUÇÃO

Múltipla Escolha é o livro mais recente lançado no Brasil do escritor chileno Alejandro Zambra. Originalmente intitulado “Facsimil” essa obra foi pensada a partir da Prova de Aptidão Verbal aplicada no Chile dos anos de 1966 até 2002 como uma parte da seleção a uma vaga nas universidades chilenas. O livro é uma reunião de fragmentos que parodiam e criticam o sistema educacional chileno, formando uma espécie de jogo no qual o leitor é convidado a responder as perguntas e dar um rumo individual a história.

Em uma entrevista a Folha de São Paulo, Zambra foi indagado se ele teria um modo específico de escrita ou um plano de redação, e sua resposta foi: “Fazer um plano para escrever uma redação é a própria negação da literatura. Para mim, a literatura sempre esteve ligada a desordem. Começar pelo final, reabilitar as digressões, enfrentar o desejo da simultaneidade e multiplicidade.” (ZAMBRA, 2017<sup>1</sup>) Falar de Múltipla Escolha (2017), portanto, é também falar de simultaneidade, multiplicidade e de desordem, é, de uma maneira mais geral, falar do contemporâneo. E é com esse tema, o contemporâneo, que pensaremos a narrativa de Zambra. Especificamente, queremos entender como a literatura do escritor chileno, e aqui focaremos em Múltipla Escolha (2017), está inserido nos debates sobre arte contemporânea. Dividiremos o artigo em dois tópicos, no qual iniciaremos pela discussão da noção de arte contemporânea a partir das indagações do filósofo e crítico de arte Boris Groys em seu ensaio “Comrades of time” (2009). Para o crítico o contemporâneo não significa necessariamente ser presente, estar aqui e agora, mas sim estar “com” o tempo em vez de estar “no” tempo. Portanto, a principal pergunta de Groys é: como tal contemporaneidade pode ser demonstrada na arte? Pretendemos estender essa problemática para a literatura de Zambra e nos perguntar: como essa contemporaneidade é demonstrada em Múltipla Escolha (2017)? No segundo tópico seguiremos com a proposta de análise de tal contemporaneidade no escritor chileno a partir da noção de narrativas enviesadas de Katia Canton (2009). Para ela essas se caracterizam como textos em construções fluídas, que sabotam, subvertem, quebram a possibilidade de um sentido narrativo único. Propomos, assim, baseado em Canton (2009), uma forma de análise de Múltipla Escolha (2017) em que o seu sentido não está pronto, mas sim configurado na construção das múltiplas relações entre a obra e o seu leitor.

[22] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Múltiplas escolhas na literatura...”, p. 20 -30. ISSN 18092586.

## 2 – “AGORA SOU UM TEXTO QUE VOCÊ ESTÁ LENDO E QUE NÃO QUERIA QUE EXISTISSE”: A ARTE E O CONTEMPORÂNEO.

É interessante ressaltar uma pergunta feita por Groys (2009): O que é arte contemporânea? Ela tem esse nome porque manifesta a sua própria contemporaneidade, como afirma o crítico, mais essa contemporaneidade não é simplesmente por ter sido criada ou mostrada recentemente. Então, a pergunta, o que é arte contemporânea, na verdade, demanda outras perguntas: O que é contemporâneo? Como essa contemporaneidade pode ser mostrada?

Ser contemporâneo pode ser entendido como estar imediatamente presente, estar aqui e agora. Nesse sentido, a arte parece ser verdadeiramente contemporânea se ela for capaz de expressar e capturar a essência do presente, se ela for capaz de ser avaliada como autêntica. Contudo, Groys (2009) realça os escritos de Jacques Derrida no qual o filósofo demonstrou que o presente é originalmente corrompido tanto pelo passado quanto pelo futuro, que há sempre a ausência no cerne da presença e que a história, e aqui também incluindo a história da arte, não pode ser interpretada como uma procissão de presenças. Mas, para além de pensar sobre a desconstrução de Derrida, o crítico está empenhado em saber o que há no presente – esse aqui e agora como afirmou anteriormente – que nos interessa tanto? E como o presente se manifesta em nossa experiência diária antes de se tornar uma questão de especulação metafísica ou de crítica filosófica?

Para o Groys (2009) o tempo em que vivemos não é o presente porque ele é somente um momento. O presente é um tempo de permanente transição do passado para o futuro. É um constante desaparecimento que não pode ser tomado ou representado. Portanto, fazer arte contemporânea significa produzir o tempo contemporâneo. Desse modo, o contemporâneo é, para Groys (2009), um tempo artisticamente produzido. A sua definição de arte contemporânea se baseia nessa tautologia: arte contemporânea é contemporânea porque produz contemporaneidade.

Na modernidade o presente só podia ser detectado indiretamente por meio de traços deixados tanto no corpo da arte como no da cultura. O presente, nesse contexto, era algo a ser superado em nome do futuro. Um dos exemplos que Groys evidencia é o slogan da era soviética: *Tempo, para frente!* Parodiando esse slogan, Ilf e Petrov, dois romancistas soviéticos da década de 20, escreveram “*Camaradas, durmam mais depressa!*” Assim, o presente era visto como negativo, sendo sempre esperada a chegada do futuro e do progresso promissores. O que prevalecia era a crença no

futuro infinito e, assim, a noção de uma coleção permanente de arte era tanto oportuna quanto necessária: o arquivo, a biblioteca e o museu prometiam uma permanência, uma infinitude, as chamadas heterotopias. Foucault (2001) assim denominou esses lugares modernos no qual o tempo era acumulado, esses “lugares reais que são delineados na própria instituição da sociedade e que são espécies de contrapositionamentos.” (FOUCAULT, 2001, p. 415) São espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo, representados, contestados e invertidos.

Mas no contemporâneo, os museus se tornaram lugares de exposições temporárias e não mais espaços permanentes, as artes se tornam cada vez mais efêmeras. O que Groys (2009) demonstra é que quando começaram a questionar, duvidar ou reformular os projetos, o presente, o contemporâneo tornou-se central. E a razão está no cerne do contemporâneo em si: a dúvida, a hesitação, a incerteza, a indecisão, ou seja, a necessidade de uma reflexão prolongada, de um adiamento. Talvez a ideia que mais caracterize o contemporâneo para Groys (2009) seja essa: um período prolongado, potencialmente até infinito, de adiamento. Dessa forma, o presente deixa de ser um lugar de transição do passado para o futuro para ser um lugar de reescritura. E também podemos pensar, um lugar de rasura. Como o crítico evidencia:

A perda da perspectiva histórica infinita gera o fenômeno do tempo desperdiçado, improdutivo. No entanto, pode-se também abordar esse tempo desperdiçado mais positivamente, como tempo excedente – como tempo que atesta à nossa vida como puro ser no tempo, para além do seu valor dentro do molde das projeções políticas e econômicas modernas. (GROYS, 2009, p. 4, tradução nossa)<sup>1</sup>

Em contrapartida, Arthur Danto em seu livro “*Após o fim da arte*” revela que o contemporâneo é um tempo essencialmente plural, cuja especificidade reside nas possibilidades oferecidas por essa pluralidade. Esse pluralismo é uma oportunidade de experimentação tornando os artistas livres para ser o que quiserem ser, “livres para ser alguma coisa ou mesmo para ser todas as coisas.” (DANTO, 2006, p. 50) O que o crítico salienta é que o artista não precisa mais acreditar que só existe uma única verdadeira forma para a arte ser praticada em um determinado momento.

O contemporâneo para Danto (2006) é um momento marcado por várias transformações que se sucederam desde a década de 60, mas diferentemente de Groys, esse contemporâneo tem uma

---

<sup>1</sup> The loss of the infinite historical perspective generates the phenomenon of unproductive, wasted time. However, one can also interpret this wasted time more positively, as excessive time – as time that attests to our life as pure being-in-time, beyond its use within the framework of modern economic and political projects. (GROYS, 2009, p. 4)

[24] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Múltiplas escolhas na literatura...”, p. 20 -30. ISSN 18092586.

data e um trabalho específicos: a partir do ano de 1964 com trabalho de Andy Warhol: *Brillo Box*. Essa obra marcou a virada para o momento pós-histórico da arte, momento no qual a arte pode assumir qualquer feição, diminuindo as possibilidades de um direcionamento narrativo. Dessa forma, com a expressão *fim da arte*, Danto demonstra o fim de uma narrativa histórica que colocava o critério daquilo que era ou não era arte a um determinado estilo predominante. *Após o fim da arte* é esse período da pluralidade de estilos e de universalidade de produção artística. O termo *narrativa mestra* perde seu valor quando pensamos na pluralidade, um critério e um estilo correto dão lugar a multiplicidade no que se refere a avaliação e a classificação do que seria ou não arte. Com as palavras do crítico

Não há mais uma direção única. Na verdade, não há mais direção. E foi isso o que pretendi dizer com o ‘fim da arte’, quando comecei a escrever sobre esse fim nos meados da década de 80. Não que a arte morreu (...) mas sim que a história da arte, estruturada narrativamente, chegara ao fim” (DANTO, 2006, p. 139)

Voltemos agora para Alejandro Zambra e nos perguntamos: como percebemos essa contemporaneidade na obra do escritor chileno, mais especificamente em *Múltipla Escolha*? Foquemos, então, na característica central da arte contemporânea para Groys (2009): a arte baseada no tempo, ou *time-based art*. Ser contemporâneo não significa necessariamente estar presente, estar aqui e agora. Significa estar “com o tempo” em vez de estar “no tempo”. Dessa forma, estar com o tempo pode ser entendido como sendo “camarada do tempo”. Ou seja, ser como um colaborador que ajuda o tempo em dificuldades. Em nossa sociedade contemporânea o tempo pode ser considerado desperdiçado quando é concebido como improdutivo, sem sentido. As artes consideradas tradicionais, como por exemplo a pintura, a escultura, são também artes baseadas no tempo porque elas são feitas com a expectativa de uma duração, especialmente por sua inclusão em museus ou galerias particulares. Contudo, essa arte baseada no tempo que Groys (2009) demonstra não é estruturada no tempo como uma fundação sólida, como uma garantia de perspectiva. Na verdade, ela documenta o tempo que está com risco de ser perdido como resultado de seu caráter improdutivo. Essa mudança faz com que a arte para de documentar o presente, pare de criar o efeito de presença, para documentar um presente repetitivo, indefinido. Assim, ao reproduzir e parodiar as provas de aptidão verbal Zambra está utilizando esse processo, está transformando tempo improdutivo em arte.

O livro, ao parodiar a prova de aptidão verbal, separa-se em temas comuns a serem abordados em testes relacionados a linguagem e leitura. Dessa forma, a obra é dividida em cinco partes: palavra destoante, plano de redação, uso de conjunções, Eliminação de orações e Compreensão de textos. Vejamos um exemplo da segunda parte, no qual é assinalado aos leitores: “nos exercícios 25 a 36, assinale a alternativa que corresponda à ordem que mais adequadamente constitui um bom roteiro ou um plano de redação” (ZAMBRA, 2017, p. 19)

27 – Um filho

1. Você sonha que perde um filho.

2. Acorda.

3. Chora.

4. Perde um filho.

5. Chora.

a) 1 – 2 – 4 – 3 – 5

b) 1 – 2 – 3 – 5 – 4

c) 2 – 3 – 4 – 5 – 1

d) 3 – 4 – 5 – 1 – 2

e) 4 – 5 – 3 – 1 – 2 (ZAMBRA, 2017, p. 23)

Poderíamos pensar em uma dupla possibilidade para a noção de *arte baseada no tempo* em Múltipla Escolha: a primeira possibilidade está na desvinculação do sentido original: a finalidade, ou produtividade do texto original é excluída no momento em que essa estrutura vira literatura. Ao pensarmos na prova de aptidão verbal em si, como uma etapa do vestibular chileno exercido de 1966 ate 2002, havia nesse tempo específico uma produtividade para esse texto: a aceitação em uma faculdade chilena. A partir do momento que essa estrutura é desvinculada de sua finalidade original e transformada em literatura já não há produtividade. A segunda possibilidade está nas múltiplas possibilidades de leitura e de interpretação do texto, ou seja, Múltipla Escolha (2017) documenta um presente repetitivo, indefinido. Vejamos outro exemplo da terceira parte, no qual os leitores são instruídos a assinalar “a alternativa cujos os elementos sintáticos melhor preencham as lacunas do enunciado.” (ZAMBRA, 2017, p. 33)

46 – Quero juntar estas palavras, \_\_\_\_\_ nada tenha sentido.

a) ainda que

b) para que

- c) e que
- d) mas que
- e) até que (ZAMBRA, 2017, p. 37)

As diferentes possibilidades de respostas fazem o leitor criar uma repetição na leitura. Lemos o enunciado toda vez que lemos uma alternativa diferente. Entramos, então, nesse ciclo repetitivo no qual cada leitura se torna um fragmento diferente.

### 3 - "AGORA SOU UM TEXTO QUE VOCÊ NÃO PODE APAGAR":

#### NARRATIVA ENVIESADA EM MÚLTIPLA ESCOLHA

É interessante ressaltar que não há a possibilidade de encaixar *Múltipla Escolha* (2017) a um gênero literário como também não há a possibilidade de recusá-los por inteiro: não é um romance, não há personagens, não há tempo nem espaço específico, como também não é uma narrativa linear. Não pode ser considerado poesia, apesar de alguns fragmentos isolados terem uma característica poética e utilizarem alguns artifícios como a rima e a repetição. Como no exemplo das questões 21 e 24.

- |             |                                  |
|-------------|----------------------------------|
| 21 – Tossir | 24 – Silêncio                    |
| a) fumar    | a) silêncio                      |
| b) tossir   | b) silêncio                      |
| c) fumar    | c) silêncio                      |
| d) tossir   | d) silêncio                      |
| e) fumar.   | e) silêncio (ZAMBRA, 2017, p.18) |

Há nesse trecho, assim como no restante da obra, uma ironia em relação ao enunciado das questões e suas respectivas opções. Nesse segmento, é pedido aos leitores que assinalem a palavra que se destoe tanto do enunciado quanto das demais palavras. Contudo, não é possível para o leitor fazer uma escolha pois ou as palavras se repetem em duplas, como na 21, ou simplesmente se repetem em todas as alternativas, como na 24. O interessante, nesse trecho, é a sonoridade e a ironia que essa repetição acarreta, tornando-se, assim, uma característica que percorre toda a narrativa.

A fluidez com que esse livro transita entre os gêneros literários nos remete a noção de *narrativa enviesada* da crítica de arte Katia Canton. Para a autora a modernidade do século XX foi

que possibilitou uma modificação na noção de narrativa ou estruturação de uma obra ou de um texto, liberando, de um modo geral, a arte da representação do real. As narrativas enviesadas contemporâneas também narram histórias, mas de um modo não linear. Em vez de uma narrativa tradicional, elas são compostas a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos. E um dos pontos principais é a sua inconclusividade: elas narram, porém não necessariamente resolvem suas próprias tramas. Como nas palavras de Canton: “trata-se de um tipo de obra ou texto que dá indícios de contar uma história, mas que se recusa a criar uma narrativa cujo sentido seja fechado em si mesmo, ou seja, que possa ter linearidade.” (2009, p. 15-16) O leitor, portanto, é umas das chaves principais para a construção desse texto. Por ser uma obra de sentido aberto, a sua construção está na relação com o outro, seja público, leitor ou observador. Em *Múltipla Escolha* (2017), o leitor é convidado a entrar nesse jogo em que sua escolha pode ou não fazer diferença para o sentido do fragmento. No exemplo a seguir, o fragmento fala sobre exposição, censura. Só há a escolha do silêncio ou da total exposição. Não há, portanto, como anular umas dessas alternativas pois não há uma escolha para a censura desses pensamentos.

58)

- (1) Não queria falar sobre você, mas é inevitável.
- (2) Agora mesmo estou falando sobre você. E você está lendo, e sabe disso.
- (3) Agora eu sou um texto que você está lendo e que não queria que existisse.
- (4) Te odeio.
- (5) Você queria ter o mesmo poder dos censores.
- (6) Te odeio.
- (7) Você fodeu com a minha vida.
- (8) Agora sou um texto que você não pode apagar.

- a) Nenhuma
- b)A
- c)B
- d)C
- e)D (ZAMBRA, 2017, p. 46)

O jogo em que o leitor é convidado em *Múltipla Escolha* (2017) sabota, subverte, e quebra a possibilidade de um sentido narrativo único. O sentido desse livro não está pronto, mas se configura

no acontecimento, isto é, na construção das múltiplas relações que acontecem entre a obra e o leitor. Percebemos, assim, que *Múltipla escolha* (2017) é, como nas próprias palavras de Zambra em uma entrevista a revista *Cult*, “um livro sobre a ilusão de uma resposta. Nos ensinaram isso, que havia uma resposta única, e logo descobrimos que haviam muitas e isso às vezes foi libertador e outras foi terrível” (ZAMBRA, 2017<sup>3</sup>).

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos aqui situar a escrita de Alejandro Zambra nesse contexto da literatura contemporânea na qual o pluralismo é a palavra mais vigente. Resende (2014) ao falar sobre o panorama da literatura contemporânea brasileira nos mostra também uma característica da literatura contemporânea em geral, na qual Zambra se encaixa, cito: “formar um sistema literário com conceitos próprios do que é literatura, propondo ainda suspender limites entre as escritas literárias e as diversas expressões artísticas. (RESENDE, 2014, p. 13)

Groys (2009) argumenta que vivemos em um tempo em que os projetos modernos são reconsiderados, não abandonados ou rejeitados inteiramente, mas analisados. Dessa forma, a arte contemporânea pode ser vista como aquela que está envolvida na reconsideração dos projetos modernos. Em *Múltipla Escolha* (2017) Zambra não abandona por inteiro os gêneros literários, mas junta-os, tanto o romance, a poesia, o conto para criar uma escrita que inova e quebra barreiras, pois, como ele mesmo especifica: “acho que os gêneros são como uma camisa que, quando nova, pode ser meio incômoda, mas, à medida que se usa, vai se adaptando ao corpo. Talvez o gênero literário de uma obra seja aquele que escolhemos. (ZAMBRA, 2017<sup>2</sup>)

## REFERÊNCIAS

- CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- DANTO, Arthur. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus Editora; Edusp, 2006.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- GROYS, Boris. Comrades of time. **e-flux journal**, n.11, dez. 2009, p. 1-11.
- RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore. **Possibilidades da nova escrita literária no Brasil**. Rio de Janeiro, 2014.
- ZAMBRA, Alejandro. **Múltipla Escolha**. São Paulo: Planeta, 2017.
- \_\_\_\_\_. “Literatura está ligada a desordem” diz escritor Alejandro Zambra: entrevista. (20 de maio de 2017<sup>1</sup>). São Paulo: **Folha de São Paulo**. Entrevista concedida a Alvaro Costa e Silva.
- \_\_\_\_\_. Todos os livros que valham a pena são experimentais, diz Alejandro Zambra: entrevista. (16 de junho de 2017<sup>2</sup>). São Paulo: **Estadão**.
- \_\_\_\_\_. Escrever é remexer a vida e às vezes imaginar outra, diz Alejandro Zambra: entrevista. (22 de maio de 2017<sup>3</sup>). São Paulo: **Cult**. Entrevista concedida a Paulo Henrique Pompermaier.

[30] GARRAFA. Vol. 16, n. 45, Julho-Setembro 2018. “Múltiplas escolhas na literatura...”, p. 20 -30. ISSN 18092586.